

A REPROVAÇÃO POR FREQUÊNCIA NOS CURSOS DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO: UM OLHAR DOS DOCENTES E DISCENTES

Mona O. Ramos – Daniela C. dos Santos¹ - Thayanna R. L.T. Ribeiro² - Geida M. Cavalcanti de Sousa³ -

Universidade Federal do Vale do São Francisco -UNIVASF

Av. José de Sá Maniçoba, S/N - Centro

CEP: 56304-917 - Petrolina/PE geida.cavalcanti@univasf.edu.br, thayanna.tavares_psi@hotmail.com¹, danielacarvalho_psi@hotmail.com², monah_psi@hotmail.com³

***Resumo:** Este estudo visou diagnosticar as questões implicadas na reprovação por frequência nos cursos de engenharia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, no período de 2004.2 até 2007.2. A metodologia consistiu em um levantamento dos dados da reprovação por frequência no Sistema de Informação e Gestão Acadêmica – Siga, coleta de dados por meio de aplicação de questionários junto ao corpo discente e docente, além de entrevistas realizadas com discentes. Partindo da análise dos dados, foi organizado um roteiro de entrevista, com a finalidade de complementar e/ou aprofundar as informações obtidas considerando os aspectos éticos. Os dados mostram que o número de reprovações por frequência tem aumentado, nesse período, numa aceleração maior do que a reprovação por nota. Foram registradas 2771 reprovações por frequência e 4040 reprovações por nota, o que totaliza 6811 reprovações em apenas seis períodos acadêmicos. Na reprovação por frequência, a metodologia de ensino e a relação estabelecida entre docente e discente representam os principais motivos, tanto a nível individual quanto a nível geral, na perspectiva dos estudantes.*

***Palavras-chave:** Engenharia, Frequência, Reprovação.*

1. INTRODUÇÃO

Assim como a prática educativa se renova, a avaliação estará sempre se renovando. Avaliar favorece uma compreensão ampliada dos processos com os quais o docente está envolvido, colocando em discussão a prática pedagógica, a rotina de trabalho e o ambiente diário de sua atuação profissional. É, também, um instrumento para mostrar possibilidades que contribuam para a efetivação de aprendizagens significativas, visando aos objetivos pretendidos.

Percebendo a necessidade de refletir os altos percentuais de reprovação nas disciplinas básicas dos cursos de engenharia, a pró-reitoria de ensino da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF constituiu uma Comissão Provisória de Avaliação, cujo objetivo foi diagnosticar os problemas do processo ensino-aprendizagem nos referidos cursos, especificamente implicados na avaliação. O estudo foi realizado no período de outubro a dezembro de 2006, por meio da análise dos dados obtidos do Sistema de Informação e Gestão Acadêmica - SIGA da UNIVASF e dos questionários aplicados aos docentes e discentes dos cursos de engenharia da citada Instituição. O relatório apresentado sugeriu, entre outros aspectos, a continuidade dos estudos sobre avaliação com o objetivo principal de refletir essa reprovação por frequência, uma vez que o estudo não contemplou essa especificidade. (Passos et al, 2007).

Seguindo-se à sugestão indicada, foi realizado um estudo com o objetivo de investigar as questões implicadas na problemática da reprovação por frequência nos cursos de engenharia da Universidade Federal do vale do São Francisco – UNIVASF. Essa Instituição oferece cursos em três estados: Pernambuco, Bahia e Piauí, sendo sua área de abrangência o semi-árido nordestino. Iniciou suas atividades em outubro de 2004, sendo sua sede em Petrolina-PE e oferece atualmente treze cursos de graduação: Engenharia Agrícola e Ambiental, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica, Engenharia de Produção, Engenharia Civil, Zootecnia, Medicina, Medicina Veterinária, Enfermagem, Administração, Psicologia e Arqueologia e Preservação Patrimonial.

Estudos sobre aspectos pedagógicos e mais especificamente sobre o processo de ensino-aprendizagem em cursos superiores, sua natureza e particularidade não têm sido focalizados nas discussões no ensino superior. Questiona-se: Quais os problemas vinculados ao alto percentual de reprovação por frequência nas engenharias? Quais os fatores que estão implicados nesta reprovação?

Investigações dessa natureza, voltadas para o ensino universitário, justificam-se pela complexidade do tema abordado e, ainda, pelo fato de serem embrionárias as construções colaborativas, oriundas de pesquisa no campo da avaliação da aprendizagem, especificamente, sobre reprovação nesse nível de ensino. Sua contribuição habita na necessidade de conhecer o contexto para indicar alternativas, refletindo assim a reprovação nos cursos de Engenharia da UNIVASF, podendo constituir-se em material para estudo pela Pró-Reitoria de Ensino dessa Instituição.

As dificuldades encontradas no terceiro grau podem ser atribuídos a fatores pedagógicos, a forma como o conteúdo das disciplinas é conduzido, com pressupostos diferentes no ensino médio e no superior; a fatores cognitivos, a não adequação do modelo de aprendizagem do aluno a uma disciplina onde os conteúdos não se mostram estáticos. Cria-se, nesse ambiente, o “horror” aos conteúdos relacionados à disciplina (ARÁUJO, 2005). Uma mostra eloqüente disso é o fato de persistirem ainda, em níveis preocupantes, os índices de retenção e evasão na população estudantil de disciplinas como Cálculo I, Cálculo II, Cálculo III, Cálculo IV, Álgebra Linear e Geometria Analítica.

O acesso é para todos, embora ainda cheio de dificuldades, mas o que acontece é que os níveis de dificuldades são muitos, devido às diferenças trazidas pelos alunos oriundos das diferentes escolas e suas diversas limitações de aprendizagem. Assim, garantir a permanência desses alunos no ensino de engenharia é outra questão (BELLI, 2006).

A Educação em Engenharia passa, em grande parte de suas facetas, pela questão da Matemática. Pode-se constatar esse fato pela expressiva carga horária dessa área de conhecimento nos cursos de Engenharia, bem como pelas suas sucessivas aplicações ao longo das disciplinas profissionais. Todavia, o que ocorre é uma grande dificuldade dos alunos nessa disciplina, comprovada pelos altos índices de reprovação. Segundo Bruschi, et al (apud CURY, 2005, p. 1): “(...) as disciplinas de matemática estão entre as responsáveis pelas evasões e as reprovações nos cursos de Engenharia”.

Os dados do estudo do MEC apontam dados significativos, tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista da eficiência do sistema:

(...) média da evasão em todas as áreas atinge cerca de 40% dos ingressantes. Isso quer dizer que de cada 100 alunos que ingressam nas universidades, apenas 60 têm possibilidade de concluir seus cursos. Dizemos possibilidade porque apenas 50% estão se diplomando dentro do tempo máximo estabelecido. Os 10% restantes, denominados pela Comissão de taxa de retenção, estão levando mais que o tempo máximo para concluir seus cursos (...) Conseqüentemente, poderá surgir, aí, ainda um novo incremento no contingente de evadidos. (ABDALA apud, AZEVEDO 2005, p.2)

Sabe-se que a evasão universitária vem se impondo ao longo do tempo, como uma realidade cada vez mais ostensiva no âmbito do ensino de graduação. Tal constatação, porém, ainda que reafirmada por números alarmantes, não vem se mostrando com força o bastante para “tocar as universidades em suas raízes” e provocar, mais do que a simples curiosidade, o esforço efetivo no sentido de entender e explicar suas possíveis conseqüências (AZEVEDO et al., 2005). Essa reflexão constará de dados a partir de uma pesquisa intitulada: “Diagnóstico das questões implicadas na reprovação por freqüência nos cursos de engenharia da UNIVASF”.

Assim, esse estudo provocou a necessidade de saber os fatores que estão relacionados ao contexto da reprovação por freqüência nas engenharias. A discussão da reprovação nos cursos de engenharia já não é uma coisa nova, dado a tradição reprovatória que se tem nas faculdades com ensino de engenharia.

O trabalho em questão focaliza o tema reprovação a partir de um estudo realizado no período de agosto de 08/2007 a 04/2008, através da análise dos dados obtidos no Sistema de Informação e Gestão Acadêmica - SIGA da UNIVASF, dos questionários aplicados aos docentes e discentes dos cursos de engenharia, além das entrevistas com estes.

Inicialmente serão apresentados os procedimentos metodológicos, seguindo-se da análise dos resultados, que contempla a visão dos discentes e dos docentes.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Empregou-se como metodologia um levantamento de dados sobre as reprovações por freqüência dos alunos das seis Engenharias do Campus da Universidade Federal do Vale do São Francisco- UNIVASF, localizada em Juazeiro - BA, alusivo aos períodos de 2004.2 a 2007.2 por meio do registro no SIGA (Sistema de Informação e Gestão Acadêmica).

Para contribuir com tais informações foi feita uma coleta de dados, por meio da aplicação de questionários, junto aos discentes de engenharia, reprovados por freqüência, referentes às matérias de Física (Básica, Experimental I, II e III), Química (Analítica, Geral e Orgânica), Cálculo (I, II, III e Numérico), Estatística (Aplicada a engenharias, Básica e Experimental) e Geometria (Analítica e Descritiva), considerando que essas foram apontadas como sendo as disciplinas com maior índice de reprovação dessa Instituição. A aplicação do questionário teve como objetivo a identificação dos motivos que levaram os alunos à reprovação por freqüência.

Referente aos docentes das áreas acima citadas, foi-lhes aplicado, via e-mail, um questionário que objetivou compreender a visão que tinham a respeito da reprovação por freqüência nos cursos de engenharia. Para gerar informações a partir dos questionários, foi utilizado o processo de amostragem estratificada proporcional com nível de confiança de 95% e erro Máximo admitido de 4,7%.

Para obtenção dos dados, foram utilizados métodos de estatística descritiva, como gráficos, tabelas de freqüência, utilizados na identificação dos percentuais de reprovação por freqüência, além das porcentagens desse tipo de reprovação e os motivos pelos quais ela ocorre, segundo os alunos.

Partindo da análise dos dados obtidos nos questionários, foi organizado um roteiro de entrevista, que visou completar e/ou aprofundar as informações obtidas anteriormente. As entrevistas foram gravadas, transcritas e lidas de forma flutuante, apreendendo os aspectos mais gerais acerca da reprovação. Dessa forma, as entrevistas tiveram um aspecto complementar dos dados obtidos, organizados segundo a apreensão do sentido, da síntese das unidades de significação e criação de categorias de análise.

Torna-se importante salientar que foram respeitados os aspectos éticos, garantindo o sigilo da identidade dos sujeitos da pesquisa, não havendo discriminação na seleção dos

indivíduos, nem exposição a riscos desnecessários. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelos pesquisados e obteve-se, da UNIVASF, a aceitação da pesquisa. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Associação Caruaruense de Ensino Superior (PE).

A primeira parte da pesquisa foi feita de forma qualitativa, por meio da aplicação de um questionário piloto, aleatoriamente, a alunos de todas as engenharias. As respostas desse questionário, o qual era aberto, serviram para a criação de categorias para o questionário oficial.

O questionário oficial foi aplicado também de forma aleatória em alunos dos cursos de engenharia. Os resultados de tal aplicação serão apresentados adiante. É preciso salientar que as questões levantadas investigaram sobre os motivos atribuídos à reprovação por frequência individual e nas engenharias como um todo, bem como, a existência da preferência quanto à reprovação por falta.

A segunda parte da pesquisa teve uma proposta qualitativa, a partir de entrevistas com discentes e docentes, acerca das mesmas problemáticas investigadas nos questionários, mas agora, de forma mais aprofundada. Suas análises serão, também, expostas posteriormente.

3. ANÁLISES DOS RESULTADOS

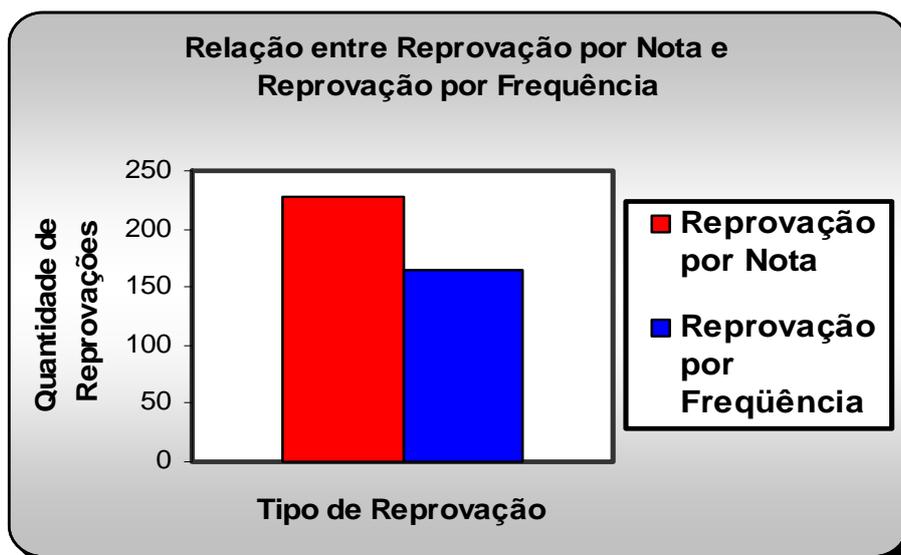
A análise do número de reprovações nos cursos de engenharia da UNIVASF traz dados importantes dos períodos de 2004.2 até 2007.2, sendo registradas 2771 reprovações por frequência e 4040 reprovações por nota, o que totaliza um valor de 6811 reprovações em apenas seis períodos acadêmicos. Isso se torna ainda mais preocupante quando se compara esse valor com a quantidade de matriculados nesse período, que foi de 800 em 2007.2, significando que os alunos reprovaram, em média, nove vezes aproximadamente.

É nesse cenário que a pesquisa se insere, focalizando as reprovações por frequência nos seis cursos de engenharia da UNIVASF: Agrícola e Ambiental, da Computação, Civil, Elétrica, Mecânica e de Produção.

3.1 A visão dos discentes

Uma das primeiras investigações do questionário referiu-se a análise da relação entre o número de reprovações por nota e por falta existente na amostra investigada. Assim foi perguntado o número de reprovações por nota e por frequência que cada sujeito tinha registrado no Siga.

Gráfico 1: Relação entre Reprovação por Nota e por Frequência da amostra investigada.



A partir da análise do gráfico acima, pode-se constatar que, na maioria das vezes, o número de reprovação por nota é igual ou superior ao número de reprovação por falta. Enquanto o índice médio de reprovação por nota, por aluno, é de, aproximadamente, cinco, o mesmo índice de reprovações por falta esteve entre três e quatro. Isso faz inferir que os alunos de engenharia da UNIVASF tendem a serem reprovados mais por nota do que por frequência. Essa inferência, também baseada nos dados fornecidos pelo Siga, indica que até 2007.2 o número de reprovações por nota foi, aproximadamente, 47% maior do que o número de reprovações por frequência. Apesar disso, é preciso salientar que os índices de reprovação por frequência ainda assim são considerados elevados e por isso se tornam objeto para esse estudo.

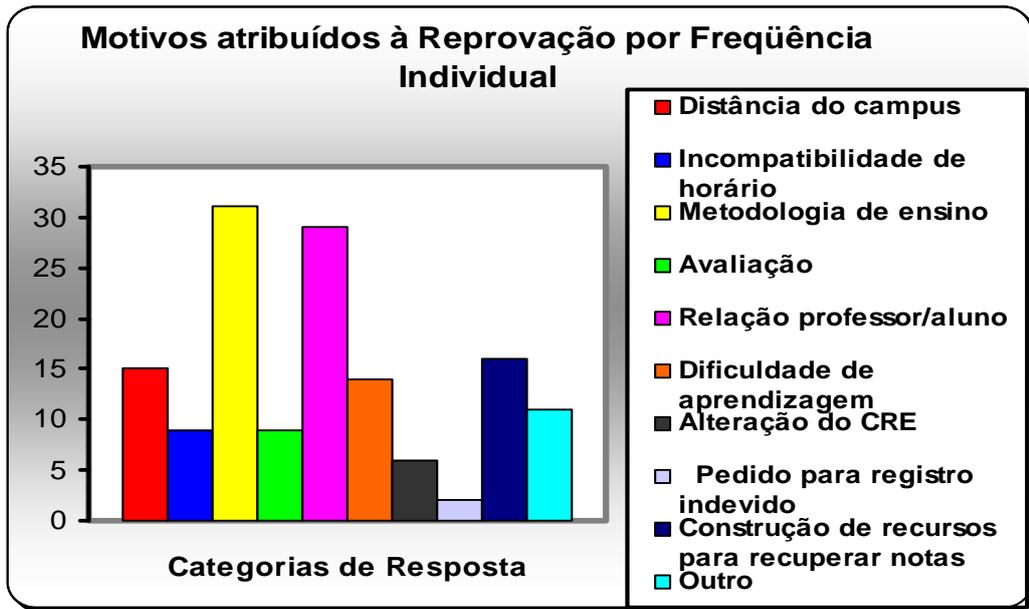
Uma das principais finalidades da aplicação do questionário oficial do projeto foi investigar quais motivos os alunos atribuem aos altos níveis de reprovação por frequência, nos cursos de engenharia como um todo, bem como, os motivos que atribuem a sua reprovação por falta. Essas questões permitem detectar vários fatores que estão influenciando nessa problemática.

Uma questão interrogou sobre os motivos que o discente atribuía a sua reprovação por frequência. Entre as categorias de resposta, destaca-se o fato de que quase 45% dos pesquisados acreditam que o motivo de sua reprovação se deve à relação estabelecida entre professor e aluno, embora a maioria afirme que a metodologia de ensino é um dos motivos de sua reprovação por frequência. É importante destacar que a opção que o professor faz pela metodologia de ensino é refletida no processo de avaliação.

Um fato interessante encontrado nessa questão é que alguns alunos afirmavam forjar uma reprovação por falta. Isso acontece quando um aluno é reprovado por nota e solicita, ao docente, para registrar sua reprovação por nota como uma reprovação por frequência. Tal prática foi justificada pelo fato de acreditar que o registro da reprovação por falta não alterasse o Coeficiente de Rendimento Escolar (CRE). Isso também se tornou um pequeno impasse para tal pesquisa já que se estava trabalhando com algumas reprovações “fantasmas” por frequência.

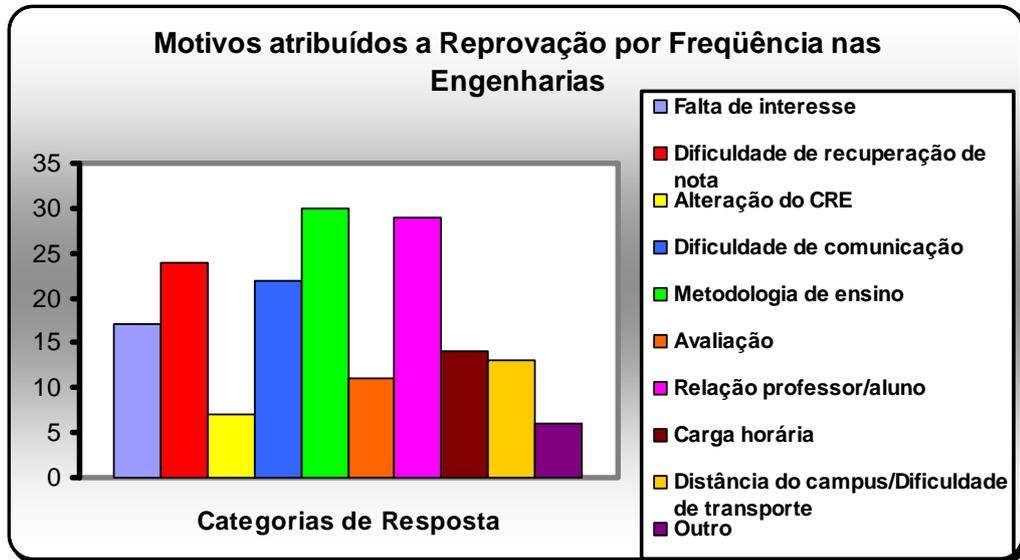
É importante também destacar que vários outros fatores são apontados como motivos da reprovação por frequência como, por exemplo, avaliação, dificuldade de aprendizagem, alteração do CRE e a consciência, por parte do aluno, de que não tem chance de recuperar as baixas notas e ser aprovado. O gráfico a seguir apresenta esse contexto.

Gráfico 2: Motivos atribuídos à reprovação por frequência de cada discente



Outra questão similar a essa buscou investigar os motivos que os alunos atribuem a reprovação por frequência nas engenharias como um todo. O gráfico que segue explicita tal questão.

Gráfico 3: Motivos atribuídos à reprovação por frequência nas engenharias como um todo.



As categorias de resposta que mais se destacaram, nessa questão, novamente, estão associadas à metodologia de ensino e à relação estabelecida entre docente e discente representando, ambas, quase 50% da opinião dos alunos. Além de, aproximadamente, 80% deles acreditarem que a reprovação por frequência não está relacionado à falta de interesse por parte dos alunos. E, aproximadamente, 20% acreditam que a avaliação influencia nesse tipo de reprovação, em todas as engenharias.

Dentre outros fatores atribuídos a reprovação, destaca-se a falta de comunicação entre professor e aluno e a dificuldade de recuperação de notas baixas, ambas afirmadas por quase 40% dos alunos.

Diante do exposto, vale refletir um pouco sobre a metodologia de ensino, já que obteve maior ocorrência como motivo da reprovação por frequência. A metodologia de ensino se refere ao conjunto de técnicas e estratégias que o professor utiliza frente ao processo de ensino-aprendizagem, e que, em algum nível, reflete os conceitos de aluno, de professor e de ensino, embasados na prática pedagógica.

Dessa maneira, Castanho (2001) considera que a metodologia de ensino na academia deve ser entendida como “metodologia da educação superior”, posto que no nível superior, além da pesquisa e da extensão, há também a educação. É preciso que se pense numa metodologia de ensino acadêmica realmente comprometida com a educação. Faz-se, também, necessário que se investiguem as abordagens teóricas que embasam as práticas didático-pedagógicas desses docentes, para que se compreendam as estratégias e objetivos construídos para o ensino. Alguns alunos relatam sobre a influência da metodologia de ensino na sua reprovação:

“...depende de professor para professor, as vezes tem professor ensina bem e cobra também, do mesmo jeito que ele ensina, concordo com isso, agora tem certos professores aqui que parecem que brincam de ser professor, jogam o assunto assim de uma forma que quer que o aluno se vire pra aprender sozinho.” (Discente 1)

“...influencia também por que a gente às vezes tem dificuldade de aprender sozinho, autodidata, tem muitos aqui que não são, aí pra você chegar e pegar o livro e entender sozinho é complicado, pra isso que o professor tá ali né?! Pra tentar pelo menos clarear a nossa cabeça, pra gente poder entender. Aí ele diz: estudem!, só por que eles não sabem né?! Aí por causa de um teorema que a gente não soube entender ele pula, tem outros teoremas depois desses ele não dá também, aí complica pra gente, a gente já não tava respondendo, ele não responde e aí fica tudo no branco.” (Discente2)

É neste cenário que Chizzotti (2001) propõe que o ensino superior precisa apoiar-se na pesquisa, a partir da consideração de que o ensino é uma prática dirigida à formação do conhecimento, bem como, o descobrimento do mundo. A pesquisa é uma atividade cotidiana voltada para a ampliação do conhecimento, a qual tem o poder de desenvolver o ensino. Em suas próprias palavras:

O ensino ganha significado novo quando propicia o prazer da descoberta e a importância do conhecer, quando provoca a observação, mobiliza a curiosidade, move a busca de informações, esclarece dúvidas e orienta as ações, em suma, quando supre as necessidades vitais do discente. (CHIZZOTTI, 2001, p.106)

Muitos alunos atribuíram sua reprovação ora a metodologia de ensino, ora a avaliação, mas é preciso que se perceba avaliação e metodologia de ensino como processos imbricados que devem ser compreendidos como mutuamente influenciados. A avaliação é uma etapa do processo de ensino-aprendizagem, o qual está sendo regido, a todo o momento, pela metodologia do ensino. É nesse sentido que avaliação deve ser entendida como um termômetro do processo educacional. Adquire, assim, a função de diagnosticar as deficiências e as relevâncias da metodologia de ensino, bem como, de servir de retro-alimentação para a prática do professor. É preciso que os docentes tenham consciência dessa função da avaliação e não a deturpem, fazendo dessa estratégia valiosa um instrumento injusto para mensurar o conhecimento. Essa consideração retoma a expressão de alguns alunos:

“...aí é caso dos professores, como eu já tinha dito, que diz que deu o assunto e coloca na prova sendo que não deu né?! Entre aspas, por que pra ele está dado, pra gente não, ele não falou nada, ou falou sim, coisas por cima e acaba colocando na prova.”(Discente 3)

Pinto (2002) aborda a falta de oportunidade para o aluno, diante de resultados insatisfatórios, de retomada do processo por outro caminho, buscando comportamentos e atitudes mais adequados, que lhe permitam atingir os objetivos definidos pelo professor para cada etapa.

É significativo destacar, diante da explanação de tais resultados, a importância da relação e da comunicação estabelecida entre professor e aluno para o sucesso do aluno no seu aprendizado. É preciso que o professor saia do seu lugar de suposto saber para dialogar com seu aluno, de forma a ter acesso, efetivamente, a seu processo de aprendizado. Para Freire apud Hoffmann:

Não há diálogo no espontaneísmo como no todo-poderosismo do professor ou da professora.(...) O diálogo, na verdade, não pode ser responsabilizado pelo uso distorcido dele se faça. Por sua pura imitação ou por sua caricatura. O diálogo não pode converter-se num “bate-papo” desobrigado que marche ao gosto do acaso entre professor ou professora e educandos. (1993, p.118)

A grande maioria das entrevistas realizadas com os discentes corrobora esses dados coletados com a aplicação dos questionários. Muitos deles afirmam que a relação estabelecida entre professor influencia muito no desempenho acadêmico do aluno, principalmente, na reprovação. Alguns trechos explicam essa idéia:

“A questão da relação professor-aluno influencia também, que você tem a questão de perseguição aqui no campus de professores com alunos. Você tem que mostrar ser um aluno aplicado, tem que se comportar se não o professor lhe marca, pronto você perdeu a cadeira!”(Discente 4)

“Professores, alguns professores são mais, vamos dizer assim, carrascos, aí as pessoas às vezes se matricula, mas já desiste, quando vê que é o professor, desiste, e aí acaba ou tranca, ou às vezes desiste na metade também.” (Discente 5)

“Rapaz! Normalmente aqui na UNIVASF, em Juazeiro é relação professor e aluno, que tem professor que não tem paciência com os alunos, chegam até a criticá-los por alguma displicência do aluno... Já ocorreu aqui na UNIVASF, de um professor chamar um aluno de burro, por conta de uma displicência mesmo. Eu acho que com esse professor mesmo eu acho normal a perda dessa matéria.”(Discente 6)

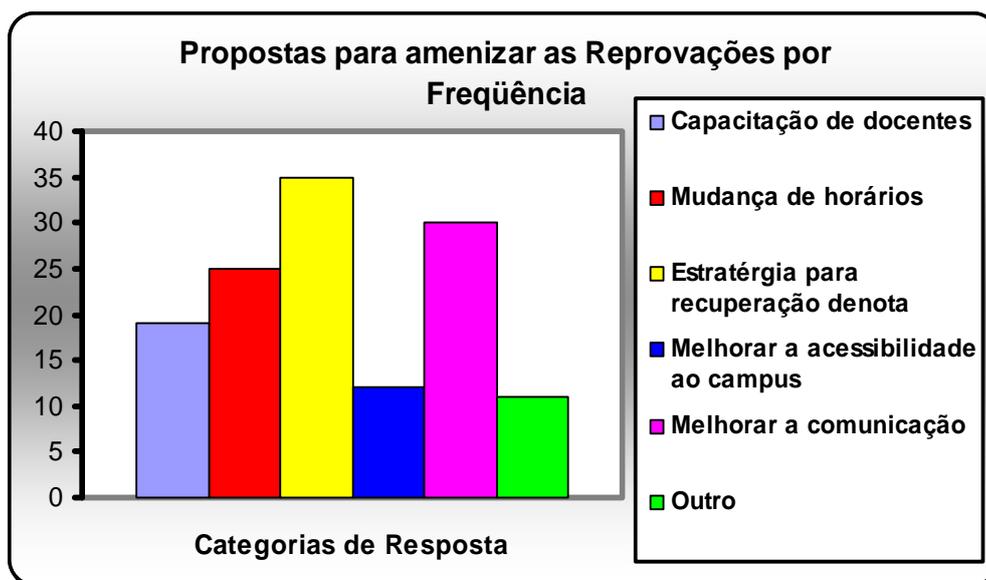
Uma questão instigante está baseada em relatos de alunos que diziam preferir reprovar por nota a por falta. Nesse sentido, foi perguntado aos alunos se eles preferiam reprovar por frequência e a análise das respostas indica que entre, aproximadamente, 80% dos alunos existe a preferência de perder na disciplina por falta a por nota (como pode ser observado no gráfico a seguir). Entre as causas atribuídas a esse fato, destaca-se a alteração no CRE e quase 50% escolheram ser reprovados por falta para dedicar-se a outras disciplinas, isso pode ser demonstrado a seguir:

“Realmente eu acredito que... Eu vejo que eles preferem uma reprovação por falta... Que se você vê que não vai... Percebe que não vai passar numa matéria você já se dedica mais tempo a outra, aí você desiste de uma e perde por falta.” (Discente 7)



O último questionamento levantado refere-se às propostas que os alunos acreditam ser importantes para amenizar a reprovação por frequência nas engenharias. Dentre as principais respostas, destaca-se a criação de estratégias para a recuperação de notas e a melhoria da comunicação estabelecida entre professor e aluno, ambas com 50%, aproximadamente, de ocorrência. Outras propostas citadas são mudanças de horário e a capacitação dos docentes. Essas categorias podem ser observadas no gráfico adiante.

Gráfico 5: Propostas para amenizar a reprovação por frequência nas Engenharias



Como já foi colocada, a criação de estratégias para recuperação de notas é a mais apontada como maneira de enfrentar a problemática da reprovação por frequência. É imprescindível que os docentes tenham a capacidade de planejar alternativas secundárias dentro do processo de ensino-aprendizagem, que permitam ao aluno uma nova chance para o seu sucesso nesse processo. Quando o percurso principal da aprendizagem encontra barreiras, faz-se necessário que o professor, enquanto mediador, construa com o aluno novos caminhos para o sucesso de ambos, um no ensinar e o outro no aprender. Dentro dessa discussão, pode ser também articulado a necessidade do docente, como inferida pelo alunado, estar fazendo cursos de capacitação, que proporcionem sua educação continuada, de forma a refletir sobre sua prática pedagógica e estimular o desenvolvimento de competências. Sobre essa consideração, um discente coloca:

“Com certeza! Eu acho que não sei se um curso de capacitação, ou algum curso de Pedagogia, ou um mini-curso, alguma coisa que mostrasse a esses professores que o verdadeiro motivo deles estarem aqui é ensinar e não querer ver o que agente não sabe, e sim que agente mostre o que gente aprendeu né?” (Discente 8)

Teixe (2005) focaliza a avaliação como um instrumento de retro-alimentação no processo ensino-aprendizagem. Porém, muitos professores acreditam na suficiência do domínio do conteúdo para alcançar sucesso no processo de construção do saber em sala de aula, não se preocupando com os conhecimentos pedagógicos, de modo particular, em conhecer a importância da avaliação no processo ensino-aprendizagem.

No que se trata da titulação docente, Belli e Bittencourt (2006) observaram em uma pesquisa sobre a associação entre reprovação e titulação nos cursos de engenharia, que os doutores reprovam mais do que os mestres e estes mais do que os especialistas. Isso representa uma dificuldade de comunicação entre alunos e professores, uma vez que a titulação dificulta a linguagem de aprendizagem, sendo, muitas vezes, uma barreira quase intransponível. Na sala não há espaço de troca, só há espaço de memorização.

3.2 A visão dos docentes

Por acreditar que a reflexão acerca das questões educacionais, que permeiam a reprovação por frequência, também deve levar em consideração a visão dos docentes acerca de tal problemática, já que também são atores desse processo, serão aqui discutidas algumas de suas considerações.

Em relação à percepção dos docentes frente às questões que estão implicadas na problemática da reprovação por frequência dos cursos de Engenharia da UNIVASF, foi aplicado, aos docentes, um questionário aberto, que teve por finalidade identificar os principais motivos que eles atribuem aos altos índices de reprovação por frequência da UNIVASF.

Os principais aspectos que contribuem para a consolidação frente a tal problemática são: a falta de orientação aos alunos, o conhecimento prévio dos discentes e a falsa idéia de que a reprovação por falta tem uma implicação menor no histórico acadêmico do aluno que a reprovação por nota.

No que se refere ao quesito, falta de orientação aos alunos, foi colocado, pelos docentes, que a não informação no período da matrícula é um fator preponderante. Eles acreditam que o alunado se inscreve em mais disciplinas do que poderiam cursar com dedicação, e por não conseguirem acompanhar todas as disciplinas, devido o excesso de carga horária, acabam por desistir daquelas que exigem mais esforço e comprometimento, resultando em reprovação por frequência, como é reafirmado na citação abaixo:

“Parece-me que o maior motivo é a falta de orientação aos alunos durante o período da matrícula (parece que eles se matriculam em mais cadeiras do que as que poderiam cursar com dedicação). Durante o semestre eles descobrem que precisariam de mais tempo para se dedicar a alguma disciplina e saem largando outras.” (Docente1)

Na opinião de alguns dos docentes, o conhecimento prévio é também um dos fatores que contribuem para tais reprovações, isso por acreditarem que uma insuficiente formação em ciências do ensino básico, implica no desinteresse pelas ciências exatas, ou seja, há uma ausência de preparação evidente para a continuação do curso, ocasionando assim, a evasão nas turmas básicas. Verifica-se tal fato na fala a seguir:

“Alunos não estão preparados para se dedicar ao curso, preferem desistir. Os maiores índices de abandono acontecem nas turmas básicas, onde muitos alunos que não tinham o hábito de estudar são forçados a fazê-lo. É uma mudança muito drástica para alguns...”
(Docente 4)

Outros docentes ressaltaram que a falsa idéia, para os alunos, de que a reprovação por falta causa menor impacto no *ranking* do que a reprovação por nota, também estaria contribuindo para a consolidação da reprovação por frequência nos cursos de engenharia da UNIVASF. Nesse contexto, os discentes estariam trazendo prejuízos para a instituição, uma vez que, as turmas ficariam superlotadas com discentes indecisos quanto ao cumprimento da disciplina, isso por que sabem que podem repeti-la em outros períodos:

“Um problema grave que traz enormes prejuízos para a instituição. Primeiro por que, inicialmente, as turmas ficam superlotadas com alunos que não têm certeza ainda se vão cursar aquela disciplina (e que por isso desistem), tirando com isso a vaga de um outro que estaria interessado em cursá-la e, portanto, com maior chance de ser aprovado por nota. Alguns desses alunos fazem isso baseado num falso mito de que a reprovação por falta é melhor (para efeito de ‘ranking’) que a reprovação por nota. Segundo, a instituição se vê obrigada a disponibilizar recursos, tais como sala de aula adequado e professores para atender a uma demanda que não irá frequentar essas aulas.”(Docente 2)

Torna-se relevante salientar que outros fatores foram apontados como tendo relevância na questão da reprovação por frequência, como é o caso da relação professor-aluno, que quando o aluno não estabelece uma boa relação com o mesmo, este abandona a disciplina para cursá-la posteriormente com um novo docente; um outro fator é a não institucionalização do jubramento na UNIVASF, que de acordo com os docentes, oferece ao aluno certa comodidade frente ao abandono das disciplinas, uma vez que não há uma resolução que atribua ao aluno uma “punição”.

As citações abaixo corroboram o que foi explicitado anteriormente, a respeito da relação professor-aluno e a política da institucionalização do jubramento na UNIVASF:

“Quando os alunos não gostam muito do professor eles deixam a disciplina para repeti-la em outro semestre, com outro professor. (...) eles deixam de fazer a disciplina por que sabem que podem repeti-la em outro semestre, sem maiores problemas.” (Docente 1)

Foi requisitado aos docentes que relacionassem o processo ensino-aprendizagem com a forma como esses consideram o índice de reprovação por frequência e a forma como avaliam seus alunos. Dentre os discursos apresentados, foi colocado que há o esforço do professor em motivar e explicar o/para o aluno, contudo, a má formação básica, aliada ao conteúdo aparentemente desconectado com a realidade, dificulta o processo ensino-aprendizagem e a forma de avaliação, já que segundo um dos docentes, as pesquisas mostram que o aprendizado só ocorre com a prática.

4. CONCLUSÃO

O confronto entre as duas visões, a do docente e a do discente, demonstra como estão sendo processados em seus imaginários a reprovação por frequência nos cursos de engenharia da UNIVASF. Enquanto os alunos dirigem suas reflexões acerca da temática em aspectos mais focalizados no papel do professor, estes, por sua vez, fazem suas considerações focalizadas no aluno e em seu desempenho, culpabilizando-o por seu fracasso. O que parece

faltar nas considerações acima é o posicionamento de incluir-se no processo, é o reconhecimento, por parte do sujeito, de que também possui uma parcela de responsabilidade em suas próprias queixas.

A pretensão foi refletir acerca da problemática da reprovação por frequência na instituição, para assim buscar alternativas a serem seguidas no enfrentamento desse problema. Por mais que a reprovação seja considerada como um aspecto cultural, “normal” na área de engenharia, acredita-se que toda vez que o processo ensino-aprendizagem é interrompido, impossibilitando o alcance do objetivo principal (o de garantir a inclusão efetiva do aluno no campo de saber, de forma que tal conhecimento passe a fazer sentido para si) algo na ordem do irregular está acontecendo.

É diante de tais considerações que se torna legítima uma discussão a respeito da reprovação por frequência, que esteja pautada em reflexões sobre a avaliação. Se de fato avaliação, nesse contexto, estivesse sendo efetiva em mediar o processo educacional, no sentido de servir como um suporte na demonstração do não contemplado no ensino, dirigindo, assim, tal processo diante das demandas que surgem, talvez, a reprovação não fosse uma coisa tão comum. Já que o processo de ensino-aprendizagem envolve conflitos, os quais impulsionam-no a atingir patamares superiores para o desenvolvimento, torna-se necessário reconhecer esses conflitos como desestabilizadores tanto do lugar de suposto saber do professor, quanto do lugar de passividade do aluno, fazendo assim, com que ambos construam novos papéis e novas direções para o processo de ensino-aprendizagem.

Belli e Bitencourt (2006) colocam que a garantia de acesso e da permanência passa por questões político-pedagógicas, pois o debate deve ser sobre a qualificação pedagógica. O professor engenheiro precisa se qualificar pedagogicamente para poder garantir a permanência em seus quadros institucionais daquele aluno que ingressou nesse ensino.

REFERÊNCIAS

ARÁUJO, Roberta; MOREIRA, Lúcio Flávio Nunes. **Monitoria da disciplina de cálculo.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XXXIII, Campina Grande, 2005.

AZEVEDO, Luciano Gomes de; BARBOSA, Edimar Alves; PAZ, Renê Anísio da. **Evasão e repetência: o caso do curso de licenciatura em química da UEPB.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XXXIII, Campina Grande, 2005

BELLI, Jurema Iara Reis; BITTENCOURT, Evandro. **Avaliação do ensino: questões metodológicas.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XXXIV: EMPREENDER E PRESERVAR, Passo Fundo, 2006.

BRUSCHI, Diogo Lino; COSTA, Luciano Andreatta Carvalho da; MUGGE, Tobias Roberto; MEIROSE, Lucas. **O estudo das equações diferenciais utilizando a modelagem matemática em um curso de engenharia.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XXXIII, Campina Grande, 2005.

CHIZZOTTI, Antonio. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, Sérgio & CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.). **Temas e Textos em metodologia do ensino superior.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

FELTRAN, Regina Célia de Santis (org.). **Avaliação na educação superior**. Campinas, SP: Papirus, 2002. p. 83-108.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

PASSOS, Fabiana Gomes dos. **Diagnóstico sobre a reprovação nas disciplinas básicas dos cursos de engenharia da UNIVASF**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XXXV, Curitiba, 2007.

PINTO, Edila. Avaliação de Ingressantes. In: FELTRAN, Regina Célia de Santis (org.) **Avaliação na educação superior**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

TEIXE, Raimundo C.G. **A Avaliação da Avaliação no processo ensino-aprendizagem - Estudo de casos na Engenharia**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XXXIII, Campina Grande, 2005.

**THE REPROOF FOR FREQUENCY OF THE COURSES OF ENGINEERING OF
THE FEDERAL UNIVERSITY OF THE VALLEY OF SAN FRANCISCO: A
GLANCE OF THE TEACHERS AND DISCENTES**

***Abstract:** This study intends to diagnose the questions involved in the reproof by frequency in the courses of engineering of the Federal University San Francisco's Valley - UNIVASF, in the period from 2004.2 to 2007.2. The methodology consisted in a research of the data about the reproof for frequency in the System of Information and Academic Administration - SIGA, data's collect through the application of questionnaires to the students and teachers as well as interviews with teachers. Trough the analysis of the data, it was organized an interview route in order to complement and/or to deep the obtained information considering the ethical aspects. The data show that the number of reproofs for frequency has increased, in that period, in a larger acceleration than the reproof for note. 2771 reproofs were registered by frequency and 4040 reproofs by note, what totals a value of 6811 reproofs in only six academic periods. In the reproof for Frequency, the teaching methodology and the established relationship between teacher and student represents the principal reasons of the reproof for frequency according to the students, who considered the problem individually and observing their classmates.*

***Key-words:** Engineering, Frequency, Reproof.*